

"SOB O SIGNO DO FEMININO"

Texto de: Cristina Azevedo Tavares

Indicam-nos estas obras um tema que Carlos Eirão tem vindo a desenvolver desde há algum tempo e que se perfilam sob o signo do feminino. Permanecem em realce as figuras nuas e sensuais, algumas colocando em cena a fotografia e flashes cinematográficos, por vezes ecoando o cartaz publicitário. De quando em quando reconhecemos uma situação que nos reenvia para outros sinais, passando por Ingres, Delacroix e Seurat, numa referência parcelar e inquieta que movimenta figuras em grupo, ou as torna estáticas como efígies.

Também o universo mitológico passa por aqui, no desvendar das musas, no frenesim das bacantes e no pudor das virgens.

Todo este universo onde a figuração é dominante é subjugado por uma força telúrica do magma que inunda as imagens, as subjuga e misteriosamente as dilui actuando como um ácido. Outras vivem do poder vivificador da água, que tudo limpa e apaga, mesmo o ardor do desejo que não é cumprido.

Tecnicamente os processos na pintura aproximam-se da gravura, as matérias são cheias e compostas, valendo-se das escorrências e esfregaços, como se fossem mordeduras profundas de ácido sobre a chapa, rompendo várias camadas, como de pele se tratasse.

A cor abraça a monocromia entre o preto saturado, o verde musgo e o azul profundo, irisadas pelo branco da espuma e da água, revelando e escondendo as figuras e as vistas de Lisboa.

É paralelamente na gravura que podemos encontrar a acentuação deste sentido lírico e o mesmo tipo de morfologia que Carlos Eirão desenvolve na pintura a óleo, aqui utilizando processos que apelam para a revelação da imagem e a configuram na marcação das zonas de luz e de sombra. Na realidade quer a pintura, quer a gravura se complementam nestas obras que agora são apresentadas, mostrando a relação fundamental da prática artística nestes dois domínios a que Carlos Eirão se dedica num trabalho contínuo de dedicação e descoberta.